



## **Racismo, colonialismo e colonialidade na sociedade moçambicana: o caso das personagens femininas em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane**

Daniela de Campos<sup>1</sup>  
Caroline de Morais<sup>2</sup>

**Resumo:** A obra literária *O alegre canto da perdiz* (2018) conta a história de três personagens femininas da mesma família: avó, mãe e filha (Serafina, Delfina e Maria das Dores, respectivamente), centrando o relato nas duas últimas. Como em outras obras da autora, ainda que personagens homens apareçam na trama, a história desenrola-se em torno de personagens mulheres, criadas para contar suas próprias histórias, entrelaçadas aos dramas sociais vivenciados por elas, bem como à história do país. Por se tratar da narrativa de três gerações de mulheres, podemos identificá-las em momentos distintos da história recente de Moçambique, tendo Serafina (a mais velha) uma experiência muito marcada pelos efeitos do colonialismo, que também atinge Delfina e sua trajetória, ao passo que Maria das Dores (e não nos parece à toa este nome) se vincula mais com a nação independente. O tema do colonialismo está retratado de forma contundente, como, por exemplo, ao abordar a questão dos assimilados, das uniões entre portugueses e moçambicanas, e a presença dos indianos no país. Ao analisar a completude da obra literária, entendemos que a ficção de Paulina Chiziane é impregnada pela dura realidade das mulheres moçambicanas e pelos reflexos que os anos de colonização produziram naquela sociedade, em específico nos corpos femininos. Por fim, cumpre ressaltar que esta comunicação é parte de projeto de pesquisa desenvolvida no IFRS – Campus Farroupilha.

**Palavras-chave:** História; Literaturas africanas; Moçambique; Mulheres.

### **Considerações iniciais**

O presente estudo está alicerçado na narrativa da obra literária *O alegre canto da perdiz* (*OACP*), escrita por Paulina Chiziane, autora moçambicana. Diante do encadeamento de situações vividas pelas personagens femininas, observa-se o contexto de racismo, colonialismo e colonialidade na sociedade de Moçambique. O interesse pela escrita de Chiziane está amparado pelo projeto de pesquisa “Diálogos entre a História e a Literatura: estudo das obras de Paulina Chiziane (Moçambique) e Conceição Evaristo (Brasil) na perspectiva decolonial”, que estuda as obras das duas escritoras à luz dos conhecimentos literários e históricos.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Farroupilha. Doutora em História. Pesquisa realizada com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS e com Bolsa de Fomento Interno do IFRS.

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Farroupilha. Doutora em Letras.

Como forma de ilustrar a representatividade da literatura africana, este texto tem como objetivo retratar a vivência das três personagens femininas da narrativa *OACP*, de Paulina Chiziane, que é permeada pelas condições de racismo, colonialismo e colonialidade, reforçando a aproximação entre História e Literatura. A escolha pela obra justifica-se pelo período vivido por cada uma das personagens em Moçambique, indicando episódios históricos que, mesmo vivenciados no momento pós-colonial, são profundamente tocados pela permanência de extensa dominação colonial e seus impactos. Ressalta-se que a escrita de Chiziane retrata a persistência das personagens femininas e as decisões tomadas para ter uma condição de vida melhor. Conforme anuncia a pesquisadora FatimeSamb, Chiziane ao focalizar em personagens femininas, enfatiza que são as mulheres “as principais vítimas da sociedade e, do mesmo modo, ela o faz pensando em projetos de reestruturação à vida comunitária.” (Samb, 2021, p. 74)

A narrativa entrelaçada pelas histórias das três mulheres negras em *OACP* potencializa a experiência de vida de inúmeras mulheres moçambicanas, quanto ao desejo de uma vida digna. Diante desse contexto, o entendimento da História, pela perspectiva africana e feminina, coloca no centro da questão diferentes sujeitos que foram há muito silenciados e subalternizados pelo colonialismo e pela colonialidade.

Para tratar dos pressupostos elencados, este estudo estrutura-se em dois tópicos que se complementam ao unir aspectos da Literatura e da História. O primeiro tópico aborda as escritas de Paulina Chiziane, considerando a identidade do povo moçambicano e a importância do registro histórico em obras da literatura. O segundo tópico evidencia a tríade feminina, observando as três gerações e as suas condições de sobrevivência em épocas distintas. Desse modo, as personagens femininas de Paulina Chiziane, em *OACP*, tornam-se o elemento principal para desenvolver os argumentos e as justificativas para o entendimento de um cenário perpassado pelos anos de colonização de Moçambique.

### **A escrita de Paulina Chiziane**

Em 1955 nasceu Paulina Chiziane, em Manjacaze, província de Gaza, situada ao sul de Moçambique (Chiziane, 2018). A escritora falava inicialmente somente as línguas *chope* e *ronga*, aprendendo a língua portuguesa posteriormente ao ingressar na escola. Ela frequentou estudos superiores, entretanto, não os concluiu. A participação na luta pela independência de

Moçambique é um feito reconhecido, sendo integrante da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO, no entanto, por estar insatisfeita com esse grupo, desvinculou-se. É importante registrar que a autora participou de forma ativa na Cruz Vermelha no período da guerra civil, sendo uma experiência relevante para a elaboração de suas narrativas literárias.

O início das escritas de Paulina Chiziane ocorre com contos, que foram publicados em 1984. Quanto à publicação de romances, a primeira obra, *Balada de amor ao vento*, foi em 1990. Por meio dessa produção, a autora foi reconhecida como a primeira mulher negra a publicar um romance em Moçambique, atenta-se que a escritora se identifica como contadora de histórias, renunciando ao título de romancista (Batista; Nascimento, 2023; Moraes; Campos, 2023). Destaca-se que a obra literária escolhida para análise neste estudo, *O alegre canto da perdiz*, teve sua primeira publicação em 2008 e recebeu uma edição recentemente em 2018, no Brasil.

A narrativa presente em *OACP* está entrelaçada essencialmente pela condição de vida e sobrevivência de três personagens femininas, que são avó, mãe e filha: Serafina, Delfina e Maria das Dores, respectivamente. Em proporções distintas, as personagens modificam umas as vidas das outras, por meio de ações e de atitudes tomadas em prol de uma conquista de liberdade e de melhores condições de existência, mesmo que essas decisões se repitam entre as gerações.

Também se encontram nas diferentes obras de Paulina Chiziane a presença de personagens masculinos, entretanto, a narrativa se desenrola em torno, principalmente, do drama de mulheres. As histórias contadas em seus romances estão amparadas pela vivência feminina, cruzando os dramas sociais vivenciados pelas mulheres em consequência da época e dos acontecimentos da história do país. Nesse aspecto, o tema do colonialismo, experienciado por muito tempo em Moçambique, também é retratado de forma contundente nos romances.

Em mais de uma oportunidade, em entrevistas, Chiziane rejeita os rótulos de romancista e de feminista. Contudo, reforça o lugar que as histórias, que lhe foram contadas “em volta da fogueira”, ocupam em suas narrativas. Esse entendimento é explorado nos estudos de Leite (2020).

Essa adoção intencional de uma forma específica de narrar ajusta-se a outro tipo de intencionalidade autoral: a crítica e descrição de costumes, a vinculação a um sentido moralizador do ato narrativo, com caráter



pedagógico, essencialmente comunitário e social, característico da oratura. (Leite, 2020, p. 201).

Ainda, segundo a pesquisadora, nas histórias de Chiziane há uma coexistência de temporalidades, “tempo passado e tempo presente convivem” (Leite, 2020, p. 207). No entanto, não é apenas um recurso narrativo de ir e vir, a escritora se vale da oralidade e dos mitos para fazer emergir um passado que está posto no presente também, rompendo com a ideia de linearidade temporal. Dessa forma, “a temporalidade é mais um argumento que permite entender a interpenetração do gênero oral nos romances de Paulina” (Leite, 2020, p. 207). Na narrativa de *OACP*, Chiziane se vale bastante desse recurso, relacionando o presente (especialmente no percurso de vida de Maria das Dores, o presente do pós-colonialismo) com mitos fundacionais, relacionados ao matriarcado e a histórias das mulheres, como ilustrado no trecho abaixo:

Era uma vez.

No princípio de tudo. Homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. As mulheres usavam tecnologias avançadas, até tinham barcos de pesca. Dominavam os mistérios da natureza e tudo... eram tão puras, mais puras que as crianças numa creche. Eram poderosas. Dominavam o fogo e a trovoadas. Tinham já descoberto o fogo. Os homens ainda eram selvagens, comiam carne crua e alimentavam-se de raízes. Eram canibais e infelizes. [...] (Chiziane, 2018, p. 17).

A intercalação desses elementos de oralidade é uma marca nas narrativas de Chiziane, bem como de outras autorias africanas, servindo como elemento que marca a identificação com a história e com a cultura moçambicana e/ou com determinados grupos étnicos. Além disso, acrescenta-se no caso de Chiziane, quando a narrativa se vale da introdução de mitos, da existência de um elemento moral, como mencionado anteriormente por Leite (2018), particularmente quando se trata de questionar o lugar ocupado pela mulher na sociedade moçambicana.

A leitura e a interpretação de *OACP* são articuladas pelas concepções da Literatura e da História, ponderando-se o envolvimento da ficção e da realidade, ao entender que o texto literário tem como pano de fundo uma situação social. Considera-se também aquilo que muitos estudiosos, como a professora Rita Chaves (2000), argumentam acerca do papel desempenhado pelas literaturas africanas no cenário pós-independência, em especial, em



contextos em que se fazia necessário estruturar ambientes acadêmicos e de pesquisas autóctones:

Profundamente marcada pela História, a literatura dos países africanos de língua portuguesa traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado. [...] Como herança, o colonialismo deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio que a consciência vinha desvelando. (Chaves, 2000, p. 245).

Nesse sentido, a narrativa de *OACP* permite a identificação de dois momentos históricos distintos de Moçambique: o primeiro é período colonial, que está marcado na vida de Delfina e, especialmente, de sua mãe Serafina, sendo um condutor para alguns de seus atos. O segundo momento histórico é aquele período após a independência, em que o tempo está dedicado a contar a história de Maria das Dores. Por fim, o romance registra uma impressão de futuro apontada quando todas as personagens finalmente se encontram.

### **A tríade feminina em *O alegre canto da perdiz***

As histórias das três personagens de *OACP* são entrecruzadas, estabelecendo a relação familiar e indicando a convivência e os confrontos entre as gerações. Dessa maneira, por meio das interações entre as três gerações, constata-se momentos não só de aproximação, mas também de distanciamento dessa tríade feminina reconhecida na história construída por Chiziane. Sendo assim, Serafina, Delfina e Maria das Dores são estudadas de modo amplo, considerando as condições de vida referenciadas por ordem cronológica, ou seja, geracional, entendendo nesse encadeamento a história recente de Moçambique.

Serafina é a personagem mais velha, e, por isso, a narrativa registra uma vivência permeada mais diretamente pelos efeitos do colonialismo. A trajetória dessa personagem pode ser entendida sob três elementos específicos, que são as orientações e conselhos de vida para a sua filha, Delfina; a constatação de diferenças sociais e, por fim, a caracterização do casamento como um fator relevante para a prosperidade e para o enfrentamento das condições a que as mulheres moçambicanas eram submetidas pela situação colonial. Esses três pontos são argumentados com base nos princípios da Literatura e da História.



Por ter vivido todas as agruras do colonialismo, Serafina queria que sua filha se casasse ou tivesse um relacionamento com um homem branco, entendendo que, com essa escolha, a filha teria uma vida melhor. Entretanto, essa orientação entrava em desacordo com a opinião de seu marido, o pai de Delfina. A partir disso, ressalta-se que as orientações advindas de Serafina e direcionadas à Delfina são perpassadas por vivências do colonialismo.

A escolha de Delfina pelo casamento com José dos Montes não é aceita por sua mãe, que diz para a filha: “- Pensa também em mim. És meu pão e o meu sustento.” (Chiziane, 2018, p. 92). Essa passagem do romance reconhece a exploração feminina como uma oportunidade de obter regalias respaldadas pelo abuso do corpo feminino. Diante disso, Serafina põe em questão o significado do amor para uma mulher negra:

- O que é o amor para mulher negra, Delfina? Diz-me: o que é o amor na nossa terra onde as mulheres se casam por encomenda e na adolescência? Diz-me o que é o amor para a mulher violada a caminho da fonte por um soldado, um marinheiro ou um soldado? As histórias de paixão são para quem pode sonhar. Mulher negra não brinca com bonecas, mas com bebês de verdade, a partir dos doze anos. (Chiziane, 2018, p. 92).

A partir das palavras de Serafina, pode-se reconhecer a problemática social intrincada com aspectos sentimentais. Nessa perspectiva, entende-se que a diferença social e racial está presente no decorrer da narrativa, apontando a oposição entre brancos e negros, assim como os privilégios envolvendo os brancos e a exploração dos negros, conduta típica do colonialismo.

Com base no exposto pela vivência da personagem, como uma forma de livrar-se dessa sina histórica, Serafina reitera que o casamento é concebido como uma instituição que pode melhorar a vida de uma mulher negra. A mãe orienta a filha sobre as mazelas de casar-se com um preto e constituir uma família, por isso aconselha que Delfina desista da união com José dos Montes e busque um casamento que traga condições de liberdade.

[...] Vais casar com um preto, parir mais pretos e mais desgraças. Com tantos brancos que te querem bem. Não custa nada eliminar a tua raça para ganhar a liberdade. Temos que resistir, Delfina, temos que resistir. Temos que nos submeter à vida que nos impõem, acreditar no Deus deles, esse ser invisível e sem forma concreta. Tenho ódio dessas sinhás e donas todas mulatas, tenho ódio dessas brancas piedosas, sempre dispostas a elaborar belos discursos sobre a mulher africana, a sofredora, a analfabeta, a pobrezinha. [...] (Chiziane, 2018, p. 97).



Em contrapartida, Delfina não atende ao solicitado por sua mãe, casando-se para matar o amor que sente por José dos Montes. A personagem pertencente à segunda geração vive ainda no período colonial, podendo ser analisada sob dois pontos centrais, revelando-se um condutor da narrativa por equilibrar e unir as duas gerações opostas ao ter sua vida constituída por conflitos familiares e sociais.

Delfina é caracterizada pela narrativa como uma mulher obstinada, que não mede esforços para conseguir o que deseja, inclusive, ultrapassando todos os impedimentos morais. Assim, seu maior objetivo é alcançar os bens materiais, dando uma falsa sensação de riqueza e de igualdade com os brancos. Por meio das decisões da personagem, reconhece-se que a narrativa literária é uma forma de retomar as situações de vida, segundo Todorov (2009, p. 77), “[...] a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. [...]”. Com isso, a experiência retratada pela personagem de Delfina é equivalente ao conflito e às inquietações de diversas mulheres moçambicanas.

No percurso de sua vida, quando ainda era jovem, Delfina tinha ambição de ser professora, entretanto, essa vontade não pode ser atendida, porque seu pai não era assimilado. A assimilação, regida por legislação metropolitana, era mais um mecanismo de controle colonial. Para sair da condição de indígena e tornar-se um assimilado e, na concepção civilizatória metropolitana estar *um passo à frente do nativo*, era necessário cumprir uma série de requisitos<sup>3</sup>, entre eles, abrir mão de hábitos considerados “atrasados”. A instituição da categoria assimilado também regulava que tipo de trabalho a pessoa poderia exercer, tendo, comparativamente aos indígenas, algum tipo de benefício dentro da estrutura burocrática colonial.

Outro aspecto conflitante quanto à trajetória de vida de Delfina, diz respeito à virgindade, que é vendida em troca de vinho. É necessário informar que essa negociação é conduzida por sua própria, que vê atrativos com a filha jovem:

[...] O velho branco estava no quarto escuro esperando por ela. Segurou-a. Apalpou-a. Sugou-a. A mãe sorria lá fora, tomando um copo de vinho e esperando por ela. Foi um momento de conflito intenso, em que não

---

<sup>3</sup> De acordo com o Estatuto dos Indígenas Portugueses da Guiné, Angola e Moçambique (1953) para tornar-se assimilado o indivíduo deveria atender critérios como ter mais de 18 anos, falar a língua portuguesa, ter profissão que lhe desse rendimento para seu sustento e de sua família, ter bom comportamento de acordo com os hábitos portugueses e não ter sido refratário ou desertor do serviço militar. (Cabaço, 2009)



conseguia entender a alegria da mãe perante o pecado original. (Chiziane, 2018, p. 74).

Então, para Delfina restou a vida de prostituição, evidenciando a sua beleza e o desejo aflorado pelos homens. Esse destaque da personagem feminina faz com que ela seja expulsa da escola e da igreja, tendo em vista que os homens se encantavam por sua beleza. Além disso, Delfina detém o ódio das mulheres, pois chama a atenção dos homens e prostitui-se, servindo as vontades sexuais masculinas. Os atributos de Delfina são testemunhados, quando sua mãe diz: “[...] És uma negra daquelas que os brancos gostam. Tem lábios gordos com muito tutano, cheios de sangue, cheios de carne. Sobrancelhas fartas como novelos de seda. Dentes de marfim e olhos de gata. Tens o peito cheio e um traseiro de rainha, bem modelados e recheados. [...]” (Chiziane, 2018, p. 95-96)

Mesmo com todas as características que valorizam Delfina, podendo escolher o homem que quisesse para o casamento, a decisão é por casar-se com José dos Montes, um homem negro. Em contrapartida, essa união é percebida como negativa para o crescimento financeiro da personagem, que deixa isso claro em conversa com o marido: “[...] desde que te conheci olho para meus clientes como miseráveis, malcheirosos, já não me agradam, porque para mim és o único. Estou a perder negócio, eles acham-me nervosa, distraída, desinteressada. A minha receita baixou, José. Tudo por tua causa.” (Chiziane, 2018, p. 83)

De modo racional, Delfina reconhece que esse casamento não traz os benefícios que ela obtém por meio da prostituição. Estranhamente, a ideia de Delfina é casar por amor, mas, nesse caso, para matar o amor, como é observado no momento em que ela diz ao futuro marido: “Então casemos, assim o amor acaba. Quando o amor terminar, cada um seguirá a sua estrada.” (Chiziane, 2018, p. 83). Para o casal essa premissa é atingida facilmente, pois de fato o casamento não prospera mesmo com todas as mudanças de vida de José dos Montes, que é obrigado por Delfina a tornar-se assimilado e depois sipaio, indo contra a vontade do homem e transformando brutalmente a vida não só do casal, mas principalmente de José. Desse matrimônio, nasce a primeira filha de Delfina, chamada Maria das Dores, que é um dos elementos centrais deste estudo e da narrativa da obra literária.

- Se for mulher terá o nome da minha mãe - diz José dos Montes.
- Nome da tua mãe? Não. Somos agora assimilados, e vivemos a vida dos brancos. Juraste abandonar as tradições cafres, esqueceste?



José dos Montes não responde. Compreendeu há muito tempo. É demasiado longo o caminho da vida. Demasiado curto o caminho da vida. Demasiado forte a dor de existir. [...] De resto, não precisa de um filho para nada. Nunca antes pensara em ter família, nem filhos. Pertence a Delfina todo o bordado e toda a trama. Que faça o que lhe der na gana. O filho é dela, o ventre é sua pertença. [...] (Chiziane, 2018, p. 140).

Para Delfina, o relacionamento amoroso continua sendo uma porta para entrar em uma vida melhor. Como ela não conseguiu as vantagens materiais que queria com seu casamento com José dos Montes, ela se envolve com o português Soares, tendo benefícios na sociedade local. Desse segundo relacionamento, Delfina tem dois filhos mulatos<sup>4</sup>, com isso, Maria das Dores passa a ser tratada de modo inferior dentro da própria família.

Delfina constrói sua vida com o propósito de chegar mais perto dos benefícios que as pessoas brancas têm. Para a personagem, essa situação é permitida pela aproximação com os homens brancos, por meio da prostituição: “[...] Delfina conhece os brancos apenas no beijo. Na conversa fugaz das quatro paredes. Conhece as palavras grosseiras que lhe lançam, no pagamento do corpo. [...]” (Chiziane, 2018, p. 148). Nesse contexto, a personagem feminina pode ser identificada como um objeto sexual, sem um tratamento carinhoso, tornando-se instrumento descartável.

As mudanças ocorrem mediante a união com Soares. Delfina tem a experiência de uma vida que se aproxima daquela vivenciada pelos dominadores brancos, entretanto, mantém a condição e a herança de uma mulher negra. A própria personagem reflete acerca das circunstâncias proporcionadas pelos dois relacionamentos, assim como volta para si mesma, reconhecendo uma ausência de posicionamento:

Delfina comparava os dois maridos. O Soares falava de coisas do mar, dos barcos, das festas e das grandes cidades, coisas belas que a faziam sonhar. O José falava-lhe de chicote, de acampamentos e de plantações. Coisas tristes que a faziam chorar. Ela não falava de coisa nenhuma. Nem da vida nem do trabalho. [...] (Chiziane, 2018, p. 223).

A partir do exposto, entende-se que não há limites para Delfina atingir o objetivo de ter os privilégios dos brancos. Em conversa com o português Soares, ela especifica os elementos que a aproximam de seu propósito: “- Já sou quase uma branca, com os cremes que uso. Vivo como os brancos, como comida de branco e já falo bom português.” (Chiziane,

---

<sup>4</sup> O termo “mulato” é utilizado por Chiziane na narrativa.



2018, p. 223). De acordo com a personagem, as transformações de sua vida a tornam diferente das outras mulheres pretas, tendo em vista que casou com um branco, revelando mais uma estratégia de sobrevivência nesse mundo colonial. Delfina e os filhos do novo relacionamento vivem protegidos, até que Soares retorna para Portugal. Na narrativa, nos é dado a saber que ele retorna porque sente saudades de sua esposa, porém podemos deduzir que Soares também presente o vento de novos tempos que estão a soprar em terras moçambicanas. Novos tempos que estarão presentes na história de Maria das Dores.

Maria das Dores representa a terceira geração feminina dessa família, tornando-se um resultado das vivências e dos conflitos vividos pela avó e pela mãe, por isso, entende-se que esse nome não é sem fundamento, não é dado ao acaso. A filha mais velha de Delfina tem uma vida significativa para o encaminhamento da narrativa, sendo que “a história dessa mulher negra é marcada por dores e sofrimentos, e tendo a mãe dado esse nome, já era uma predição de seu destino, tendo em vista que ela é uma mulher e, outrossim, negra. [...]” (Batista; Nascimento, 2023, p. 80). Além disso, a vida dessa personagem perpassa três contextos históricos recentes de Moçambique e ainda, no nosso entendimento, projeta o futuro da nação: nasceu em 1953, fugiu em 1974 e é encontrada no final da década de 1990. Ou seja, nasceu num contexto de colonialismo, partiu às vésperas da independência e retornou após o fim da guerra civil.

Mesmo que Maria das Dores tenha sua vida vinculada mais com a nação independente, ela mantém-se na condição de subalterna, sendo maltratada pela própria mãe que lhe encarrega dos serviços domésticos, por ser uma mulher negra. Aos 13 anos, a filha é entregue ao feiticeiro Simba, repetindo a venda da virgindade das mulheres da família, do mesmo modo que ocorreu com Delfina. Então, revela-se que as ações permanecem com o passar dos tempos, marcando a vida das personagens femininas.

Maria das Dores torna-se um objeto de troca, assim como sua mãe foi na juventude, repetindo-se as estratégias para melhorar de vida. Entretanto, o feiticeiro Simba engana Delfina e não devolve Maria das Dores, tornando-a uma de suas esposas. Após alguns anos, ela foge dos cuidados de Simba, tendo sua decisão descrita de forma poética: “Maria das Dores arremessou a mente à lua com o corpo em terra, numa viagem que deixará estupefactos todos os habitantes do mundo. [...]” (Chiziane, 2018, p. 276). A narrativa literária consegue articular a linguagem, trazendo encantamento ao transpor uma situação social conflitante para



para a personagem. Desse modo, a Maria das Dores perambula por Moçambique durante os anos de guerra civil, aparecendo no Monte Namuli com indicativos de perturbação mental.

A atitude de Maria das Dores em buscar os seus filhos é o que torna a narrativa cíclica, unindo o seu final com o início, dando sentido para a situação de conflito que está na abertura da obra literária, posto que as ações estão permeadas pelo reaparecimento da personagem e da sua tomada de consciência, como uma epifania. É em razão do desaparecimento de Maria das Dores e de seu novo surgimento que a família se reúne novamente.

[...] tudo começou no dia em que o pai negro partiu para não mais voltar. Tudo começou quando o pai branco amou a sua mãe. Tudo começou quando nasceu a sua irmã mulata. Tudo começou quando a sua mãe vendeu a sua virgindade para melhorar o negócio do pão. Tudo começou com uma relação que envolvia sexo e amargura. Filhos e fuga. Torpor e ausência. Escalada de uma montanha. Soldados brancos na defesa do império de Portugal. Dinheiro e virgindade. Magia. Fortuna. (Chiziane, 2018, p. 23).

Assim, compreende-se a sequência de ações das personagens femininas das três gerações como fundamentais para o encaminhamento desta história. As decisões repetidas, as intervenções efetuadas e as consequências guiam os passos seguidos pelas personagens, sendo que o princípio do rompimento com os aspectos do colonialismo se dá a partir da vivência de Maria das Dores. Diante disso, ressalta-se que o romance enfatiza o papel atribuído às mulheres no mundo regido pelo patriarcado que se acentua com o domínio colonial, mas que não se encerra com a independência, a despeito do discurso de emancipação feminina exaltado pelo novo grupo que assume o poder.

A narrativa expõe a fragilidade da construção familiar, em que a mulher é responsável por inúmeras atribuições, enquanto o homem carrega a simbologia de autoridade fundamentada em dinheiro e em riquezas materiais. Dessa maneira, encontram-se famílias desestruturadas por ter o homem em posição de superioridade. A obra literária traz essa inquietação, ao salientar que “[...] A família tem peso de chumbo, tecido por laços do mesmo sangue. Mas é um reino de lágrimas e de sofrimento. Com violência, os homens mantêm suas mulheres fiéis à paulada. A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder às mulheres.” (Chiziane, 2018, p. 268). Portanto, as representações femininas estão contempladas por estratégias para tentar se desligar dessa condição imposta por um sistema patriarcal.



## Considerações finais

Ao analisar a completude da obra literária, entende-se que a ficção escrita por Paulina Chiziane é impregnada pela dura realidade das mulheres de seu país e pelos reflexos que os anos de colonização produziram naquela sociedade, em específico nos corpos femininos. Assim como outros autores moçambicanos, Chiziane não se furta de problematizar o passado colonial e suas implicações no presente, possibilitando diferentes estudos com embasamento nas construções literárias, compreendendo como opera a colonialidade nesse contexto evidenciado por uma narrativa ficcional.

Nesse sentido, em *OACP*, o tema do racismo é visto como central, pois escancara estratégias de sobrevivência que suas personagens lançaram mão para ter uma melhor condição de vida, artifícios que as faziam fugir constantemente de uma situação de subalternidade, posto que as classificava como inferiores dentro de um sistema racial. Esse romance traz as chagas do racismo de forma contundente quando visto pela perspectiva das mulheres moçambicanas, perpassando as três gerações da narrativa analisada.

Fato é que Paulina Chiziane reivindica, em seus romances, uma voz para as mulheres moçambicanas, seja ao falar sobre racismo, mas também sobre tradições, patriarcado, poligamia, trabalho, educação e questões religiosas. Ademais, a autora, ao narrar histórias que também ecoam as suas experiências de vida, contribui para que as narrativas a respeito das mulheres e homens que vivem no continente africano cheguem para diversas regiões e países pela voz e pela palavra de quem realmente conhece essa realidade e, sobretudo, por quem durante muito tempo foi silenciado por um pretenso conhecimento que se designava superior e universal.

## Referências

BATISTA, Isabela; NASCIMENTO, Jeane de Cassia. “A borboleta incolor” e “A sereia negra”: prostituição e personagens femininas em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane. **Caderno Seminal**, n. 45, 2023. DOI: 10.12957/seminal.2023.75673. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/75673>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.



CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 245-257, 2000.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

JABLONKA, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas ciências sociais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais**: Estudos sobre literaturas africanas. 2ª. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.

MORAIS, Caroline de; CAMPOS, Daniela de. “Mutola”: a oralidade e a representação feminina em um conto de Paulina Chiziane. **Caderno Seminal**, n. 45, 2023. DOI: 10.12957/seminal.2023.73929. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/73929>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SAMB, Fatime. **A condição da mulher entre ficção e realidade**: uma leitura de Une si longuelette, de MariamaBâ e de Niketche - uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. Curitiba: Appris, 2021.

SILVA, Fernanda Oliveira da; SILVA, Maria Teresa Salgado Guimarães da. O corpo angustiado em Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. **Revista Criação & Crítica**, n. 27, p. 37-53, 2020. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.i27p37-53. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171600>. Acesso em: 10 nov. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WIESER, Doris. Discriminação racial e (re)construção nacional em Moçambique: O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane. **Via Atlântica**, v. 16, n. 1, p. 77-92, 2015. DOI: 10.11606/va.v0i27.96816. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/96816>. Acesso em: 30 out. 2023.